

# NA ARTE LITERÁRIA UM SABER FAZER IDENTITÁRIO DA CONSTRUÇÃO DA NEGRITUDE

Teresa Cristina Silva  
Universidade Estadual da Paraíba  
[cristinasilvacg@hotmail.com](mailto:cristinasilvacg@hotmail.com)

Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba  
[Cristina-aragao21@hotmail.com](mailto:Cristina-aragao21@hotmail.com)

## RESUMO

Neste artigo discutimos sobre a identidade do negro no contexto da literatura infanto-juvenil a partir da obra “*Nó na garganta*” de Mirna Pinsky. Nosso objetivo é refletir e buscar compreender de que modo o texto literário constrói a identidade do negro nas narrativas textuais e de que forma a produção desta identidade reflete na maneira de como as crianças negras e não negras recebem o texto literário com este tipo de temática na escola. A importância desse texto é desenvolver reflexões sobre como a literatura tem construído ou desconstruído as identidades do povo negro, uma identidade que historicamente e educacionalmente foi negada. Este estudo parte dos trabalhos desenvolvidos por MUNANGA (2005) a partir da reflexão do racismo, GOMES (2002) no sentido de refletir sobre uma educação para as relações étnico-raciais e discutimos com CANDAU (2008) a questão da multiculturalidade para perceber no viés literário como a questão racial é vista no contexto social brasileiro hoje. Como abordagem metodológica trabalhamos com a pesquisa bibliográfica e com um *corpus* de um texto literário no sentido de, a partir dele, tecer reflexões sobre a questão racial no contexto da multiculturalidade.

Palavras chave: Questão racial. Identidade. Multiculturalismo. Educação.

## ABSTRACT

In this article we discuss about black people identity in the background of children's literature from the work “*Nó na garganta*” by Mirna Pinsky. Our objective is to closely follow the way of understanding how the literary text builds the black people identity in the narrative texts and how the production of this identity reflects on the way of noticing how the black and nonblack children host the literary text with this type of theme at the school. The importance of this text is to develop reflections how literature has built or unbuilt the identities of black people, an identity that was denied historically and educationally. This study is the work by MUNANGA (2005) from the reflection of racism, GOMES (2005) to reflect on education for ethnic-racial relations and discuss with CANDAU (2008) the issue of multiculturalism to realise the literary prejudice as the racial issue is seen in the Brazilian social background today. As a methodological approach we work with the literature research and with a *corpus* of a literary text sense

whose meaning in order to join together reflections about racial issue in the background of multiculturalism.

Keywords: Racial issues. Identity. Multiculturalism. Education.

## **INTRODUÇÃO**

A literatura infanto-juvenil no espaço da escola se apresenta com inúmeras possibilidades de despertar o imaginário de crianças e adolescentes. A mesma nos mostra histórias que nos permite discutir sobre a questão racial na escola numa perspectiva que promova novos olhares e sensibilidades educativas, frente ao racismo, ao preconceito e a discriminações no espaço da escola.

Este artigo tem como objetivo refletir e buscar compreender de que modo o texto literário constrói a identidade do negro nas narrativas textuais e de que forma a produção desta identidade reflete na maneira de como as crianças negras e não negras recebem o texto literário com este tipo de temática na escola.

Tomamos como referência a literatura infanto-juvenil “*Nó na garganta*” da autora Mirna Pinsk que relata a história de Tânia, uma menina negra de 10 anos cuja família decidiu trocar a vida pobre e difícil na cidade grande por uma oportunidade diferente no litoral. No novo ambiente, Tânia defronta-se com a dura realidade do preconceito racial. Uma experiência amarga que a levará a descobrir coisas importantes a respeito de si mesma, como seu poder de enfrentar com dignidade as injustiças do mundo em que vivemos.

Este estudo parte dos trabalhos desenvolvidos por MUNANGA (2005) a partir da reflexão do racismo, GOMES (2002) no sentido de refletir sobre uma educação para as relações étnico-raciais e discutimos com CANDAU (2008) a questão da multiculturalidade para perceber no viés literário como a questão racial é vista no contexto social brasileiro hoje.

## **METODOLOGIA**

Na abordagem metodológica, trabalhamos com a pesquisa bibliográfica baseados nos trabalhos desenvolvidos por MUNANA (2005), GOMES (2002), CANDAU (2008) e com um *corpus* de um texto literário no sentido de, a partir dele,

tecer reflexões sobre como a literatura tem construído ou desconstruído as identidades do povo negro, uma identidade que historicamente e educacionalmente foi negada.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

O Brasil é um país marcado pela exclusão social e cultural constituído de relações desiguais presentes nos mais diversos espaços da sociedade, inclusive na escola. A escola um espaço plural e de múltiplas diferenças muitas vezes neutraliza, silencia e ignora as diversas culturas que ali perpassam. No momento atual, a ideologia do racismo vem sendo explicitamente colocada em prática no cotidiano das pessoas.

No Brasil quando se fala na palavra racismo, geralmente, a imagem é associada ao negro. Segundo Sant' Ana (2005, p. 41), “o racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu”. Antes do século XV não existia o racismo, tal ideologia é fruto da ciência europeia dominante sobre a América, Ásia e África e se manifesta a partir do tráfico de escravos.

Os países colonialistas alegaram que os negros pertenciam a uma raça inferior, possuíam costumes primitivos e por isso era necessário que fossem civilizados... Alegaram também que os negros já eram escravos na África, assim em nada se alteraria sua “condição natural” (VALENTE, 1987, p. 13).

Desde o século XV, o negro é inferiorizado e negado de seus costumes, cultura, modo de vidas e de seus valores. Percebe-se que no decorrer dos séculos, o racismo vem sendo construído e transmitido por meio de gerações. De acordo com Santos (1984, p.19-20), “as ideias de racismo vêm da sociedade para dentro das cabeças, através das palavras, dos exemplos, da imitação, das crenças religiosas, de uma infinidade de grandes e pequeninos canais”. Contudo, ao nascer o ser humano não traz em sua genética o racismo, o mesmo é constituído no convívio social, BEATO apud SANT' ANA, 2005

Racismo é a teoria ou ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras (SANT' ANA, 2005, p. 60).

Apesar dos avanços significativos na melhoria e condição de vida de crianças e adolescentes brasileiros, infelizmente, ainda vivemos em um país de desigualdades.

Muitos vivem em um contexto educacional pelo qual são vitimadas pelo preconceito, racismo e discriminação. Muitas vezes, a criança é discriminada por representações apresentadas em livros, por olhares excludentes, por piadas e apelidos pejorativos alusivos a cor da pele, ao físico e a estética, pela cultura, pelo modo de falar, dentre outros. Tais atitudes racistas acabam fazendo com que a criança desvalorize e negue suas tradições e origens culturais.

Mediante a representação negativa do negro na sociedade ao longo dos séculos, percebemos que muitos materiais pedagógicos e literários apresentam estereótipos que promovem a exclusão e inferiorizam a criança ou o adolescente negro. Para Jones apud Silva (2005, p. 24), “os estereótipos representam uma atitude negativa com relação a um grupo ou uma pessoa, baseando-se num processo de comparação em que o grupo do indivíduo é considerado como ponto positivo de referência”. Neste sentido, os estereótipos geram preconceitos, que se constituem em julgamentos prévios sem o real conhecimento do outro.

A literatura infanto-juvenil ao contar e ilustrar suas histórias nos apresenta personagens que passam por conflitos que ocorrem no cotidiano e que auxiliam na vida interna da criança e do adolescente. Com toda sua arte escrita e imagética tem o poder de enfeitiçar e possibilitar ao universo infanto-juvenil emoções importantes como: alegria, tranquilidade, paz, autonomia, perda, abandono, competitividade, dentre outros.

Além disso, aguça a imaginação e a criatividade, ajudando a criança e o adolescente a lidar com situações do dia a dia e até identificar-se com os personagens das histórias lidas ou contadas. Portanto, a literatura infanto-juvenil apresenta em seu enredo diferentes personagens, contextos sociais e culturais, além de um mundo repleto de significações, crenças, valores, emoções, sonhos e imaginação.

A literatura é um tipo de material pedagógico que auxilia o/a professor/professora em sala de aula. A escola por diversas vezes prioriza trabalhar os clássicos europeus que apresentam mocinhos e mocinhas brancos. Ao inserir apenas essas histórias em sala de aula o/a professor/professora não valoriza a diversidade étnico-racial de seus educandos. Geralmente, os personagens negros são apresentados nas histórias como escravo, sujo, pouco inteligente, pobre, mau, inferior, etc. Então, a criança e o adolescente negro que internalizam esses estereótipos tendem a não

gostarem de si mesmos e sentem-se inferiorizados. Vejamos, então, alguns trechos da fala de Tânia personagem negra da obra literária “*Nó na garganta*” da autora Mirna Pinsky.

[...]– Ah! Essa negrinha não acerta nunca, pô!... Aquela dor que sentia quando a chamavam de negra, daquele jeito xingando, como se estivessem chamando ela de suja, ladrona, de asquerosa... Ela tinha vontade de dizer que tanto preto quanto branco erravam e acertavam da mesma maneira. Que tanto fazia ser preto quanto branco, porque não era a cor da pele que ia fazer ela acertar ou errar. Ou jogar certo ou jogar errado, como tinha acontecido pouco antes. Mas, no fundo, ela sentia uma pontinha de timidez por ser preta e tinha a impressão de que se não brigasse, não reclamasse, todo mundo ia se esquecer de que ela tinha aquela cor. Até... que as vezes, bem no fundo, gostaria de ter nascido de olhos azuis, feito Juliana (PINSKY, 2009, p. 33,34)

A maneira como o negro é representado nos livros sendo caracterizado como incapaz, pouco inteligente, sujo, mal, pobre, dentre outras características associadas à cor da pele. Na maioria das vezes, desenvolverá na criança e no adolescente comportamento de auto-rejeição resultando na negação de seus valores culturais levando-os a ter preferência por modelos estéticos valorizados e seguidos pela sociedade. Portanto, por meio da literatura infanto-juvenil, o professor/professora poderá desconstruir ideologias postas na cabeça dos mesmos e ensinar que a diferença que cada um apresenta pode ser bela e enriquecedora.

[...]Olhou para suas mãos. Pretas. Pretas sobre a toalha branca da mesa. Achou muito bonita a pele escura e lisinha. Mexeu os dedos e sentiu-os ágeis, espertos para fazerem as coisas que ela queria. Daí se levantou e foi até o espelho. Examinou os olhos pequenos e negros de cílios grandes. Olhou o nariz, a boca, o cabelo todo solto da maria-chiquinha. Ficou um tempão se olhando, se olhando. De repente, percebeu que tinha uma menina sorrindo para ela, com os dentes muitos brancos e com um resto de lágrima na ponta do queixo. O sorriso ficou maior. E pensou: puxa, como eu sou bonita! E disse alto: - Eu sou bonita! Como eu sou bonita! (PINSKY, 2009, p. 83).

A literatura ao representar o negro como pouco inteligente introduz na criança e no adolescente negro sentimentos de incapacidade que pode conduzi-los ao desinteresse, a repetência e a evasão escolar. No espaço escolar, são frequentes os exemplos de crianças e adolescentes negros rejeitados por colegas e professores. E assim como Tânia, muitos enfrentam situações referentes ao racismo, preconceito e discriminação devido a sua cor de pele. Neste sentido, é importante que o/a professor/professora faça uma análise do enredo e das imagens antes de introduzi-la no

contexto da sala de aula para que não reforce ainda mais estereótipos negativos em crianças e adolescentes negros.

Portanto, a literatura infanto-juvenil “*Nó na garganta*” da autora Mirna Pinsky é uma obra literária que pode ser introduzida no universo da sala de aula, pois retrata situações como o preconceito, a discriminação e o racismo que ocorrem no dia a dia da sala de aula e traz reflexões de fortalecimento identitário que auxiliam na construção da identidade da criança e do adolescente negro e não negro.

A educação um processo amplo e complexo na construção de saberes culturais e sociais formados por dimensões que abrange as diferentes identidades e relações raciais necessita sensibilizar-se para que haja uma construção coletiva na busca de novas formas de convívios e de respeito entre os sujeitos inseridos na escola.

Infelizmente, o racismo é algo que se faz presente em todas as esferas e a sua existência no Brasil ainda é negado. Muitos professores, por desconhecimento histórico e conceitual acreditam que o racismo se restringe apenas aos EUA, ao nazismo de Hitler e a África do Sul. Com esses conceitos formados, reforçam a inexistência do mesmo no país. Por isso, é de suma importância que os professores tenham conhecimento conceitual e histórico do que é o racismo, o preconceito e a discriminação, pois assim, poderá identificar e intervir frente às práticas racistas no ambiente escolar.

A educação das relações étnico-raciais refere-se a processos educativos que possibilitem às pessoas superar preconceitos raciais, que as estimulem a viver práticas sociais livres de discriminação e contribuam para que elas compreendam e se engajem em lutas por equidade social entre os distintos grupos étnico-raciais que formam a nação brasileira. Refere-se, também, ao processo educativo que favoreça que negros e não negros construam uma identidade étnico-racial positiva (VERRANGIA, 2010, p. 710-711).

Pessoas negras têm sido vítimas de manifestações racistas e preconceituosas que os inferiorizam e os excluem da sociedade. Contudo, é suma importância refletir e discutir nos espaço escolar questões referentes às relações étnico-raciais para que os educandos sejam capazes de conhecer e valorizar a historicidade de um povo que há séculos é excluído da sociedade. Em 09 de Janeiro de 2003, a lei 10.639/03 foi promulgada e sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. A lei é um marco no combate ao preconceito e a discriminação racial no Brasil. Além de ser uma vitória

para todos que há tempos lutam e acreditam no enfrentamento do racismo partindo da conscientização da população e por intermédio da educação.

A lei 10.639/03 altera a LDB e torna obrigatório o estudo da História da Cultura Afro brasileira, nas escolas públicas e privadas do país. E suscita uma releitura da África e do negro na sociedade brasileira. Mesmo com a implementação da lei há dez anos, algumas escolas ainda a desconhecem e as que conhecem muitas vezes não faz valer a sua efetivação. De acordo com Munanga (2005, p. 18), “ninguém dispõe de fórmulas educativas prontas para aplicar na busca das soluções eficazes e duradouras contra os males causados pelo racismo na nossa sociedade”, mas poderá utilizar-se de meios que o possibilite introduzir em sala de aula temáticas relacionadas ao preconceito, discriminação e racismo.

Neste sentido, para que aconteça efetivamente uma educação para as relações étnico-raciais é necessário que a escola favoreça aos educandos a valorização das significativas contribuições que os povos afro-brasileiros e africanos deram para o desenvolvimento da humanidade e para a construção da sociedade brasileira.

O Brasil é um país com uma base multicultural muito forte, onde a história das relações étnicas tem sido ao longo do tempo marcada pela eliminação física do “outro” ou pela escravização e pela a negação violenta no que diz respeito aos afro-descendentes e indígenas. Historicamente, o Brasil desconhece a si mesmo e apresenta dificuldades para lidar com situações referentes ao preconceito, racismo e discriminação. O país vem sendo marcado pelo o famoso mito da democracia racial, pois muitos veem o Brasil como homogêneo e sem diferenças. Muitos pesquisadores chamam a expressão “democracia racial” de “mito”, pois o mesmo não existe; é irreal a igualdade de raças no país. Segundo Valente (1987, p. 27), “o mito é uma fala, ou seja, um discurso que tem como objetivo principal aliviar as tensões entre o real e o imaginário”.

O objetivo do mito da democracia racial é esconder os conflitos raciais existentes e diminuir sua importância, passando uma ideia mais “bonitinha” para a sociedade. Assim esse mito consegue controlar a população negra com eficácia, sem exercer uma violência visível como acontece nos Estados Unidos e África do Sul. Portanto, o mito da democracia racial é uma forma de maquiagem as práticas racistas existentes em nosso país (VALENTE, 1987, p. 21).

O multiculturalismo visto como uma nova forma de globalização é um termo pelo qual explica a existência das diversas culturas e diferenças existentes nos sujeitos

de uma localidade, cidade ou país que lutam pelo reconhecimento de suas diferenças e individualidade na sociedade. Tais lutas ou movimentos sociais ocorrem por meio de grupos sociais discriminados e excluídos de uma cidadania plena. Ou seja, são pessoas inferiorizadas e excluídas de seus direitos da sociedade que se unem, formando grupos sociais em busca da luta por seus direitos e pelo o respeito à diferença, a individualidade e a diversidade.

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares / realidade social / diversidade étnico cultural é preciso que os educadores compreendam que o processo educacional também é, formado por dimensões como ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestem na nossa vida e no próprio cotidiano (GOMES, 2005, p. 147).

Portanto, a escola precisa respeitar as especificidades de cada aluno. Não o olhando como desigual, mas como um universo que abrange igualdades diferenciadas. Pois só teremos uma educação democrática se respeitarmos o que cada um tem de diferente dando-lhe espaço para que os mesmos obtenham-se de seus direitos como sujeitos igualitários.

## **CONCLUSÃO**

Mediante a historicidade do negro no passado e como ele é visto atualmente é importante discutirmos sobre a identidade do negro no contexto literário para que crianças e adolescentes negros e não negros possam desconstruir ideologias até então depositadas em suas cabeças. E para que percebam que o Brasil é um país multicultural, com sujeitos carregados de diferenças que precisam ser respeitadas e valorizadas. Ainda assim, a literatura infanto-juvenil introduzida na sala de aula numa perspectiva antirracista levará o a refletir e compreender que o belo nas pessoas são justamente as diferenças e as diversidades que cada um apresenta.

Portanto, a literatura infanto-juvenil torna-se imprescindível na sala de aula, pois oportuniza aos educandos reflexões positivas e os leva para uma releitura da realidade. Porém, cabe ao professor, privilegiar e introduzir no seu espaço de sala de

aula discussões acerca da história da África e da nossa cultura afro brasileira para que os mesmos possam assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença racial.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios na prática pedagógica.** In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 13-37.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 143-154.

LIMA, Heloísa Pires. **Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 101-115.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 15-20.

PINSKY, Mirna. **Nó na garganta.** São Paulo: Atual, 2009.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. **História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-65.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático.** In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.

UNICEF BRASIL. Google. **O impacto do racismo na infância.** Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/br\\_folderraci.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/br_folderraci.pdf) Acesso em: 30/10/2014.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: Mordeno, 1987.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de ciências.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a04> Acesso em: 31/10/2014.